

**ENTRE O PLÁGIO E A AUTORIA: QUAL O PAPEL DA UNIVERSIDADE?**  
**SILVA**, Obdália Santana Ferraz – UNEB – beda\_ferraz@yahoo.com.br<sup>1</sup>  
GT: Alfabetização, Leitura e Escrita / n. 10  
**Agência Financiadora:** Sem Financiamento

### **Plágio no universo acadêmico: a negação da autoria**

Antes de mais nada, pinto pintura. E antes de mais nada te escrevo dura escritura. (LISPECTOR, 1980, p. 12)

O que é um autor? Essa foi a pergunta que fez, um dia, o pensador Francês, Foucault. Considerando que a função autor sofreu variação na sua concepção ao longo do tempo, hoje, na sociedade informática em que se vive, essa pergunta poderia ser repetida com alguns acréscimos: O que é um autor e como se forma um autor no contexto de uma sociedade em que a tecnologia digital transforma a linguagem num elo virtual entre o homem e o mundo?

Esta é uma questão relevante, uma vez que a informação e os textos nos tempos atuais se encontram cada vez mais à mão, como um convite ao sujeito a mergulhar nos labirintos hipertextuais, ou para o exercício e a difusão da escrita, ou para forjar como seu apenas um excerto, um parágrafo ou mesmo todo um texto, mediante cópia não autorizada.

O fato é que, historicamente, desde o ensino fundamental à universidade, tem-se convivido com a prática de cópias de produções textuais de outrem, seja de forma parcial ou total, omitindo-se a fonte. E no contexto da sociedade informatizada em que vivemos, essas discussões têm se acentuado, haja vista as possibilidades que vêm se ampliando, através da Internet, no que diz respeito ao graduando apropriar-se de obras protegidas por direitos autorais.

Daí partiu a necessidade de se compreender questões como: de que forma os graduandos de Letras, professores em formação, estão se apropriando dos hipertextos digitais para produção de textos acadêmicos? Que concepção de plágio têm os graduandos de Letras? Como a universidade tem tratado a questão da cópia entre estes futuros professores de língua materna?

---

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia (UNEB). Licenciada em Letras/Inglês (UNEB). Especialista em Metodologia do Ensino, pesquisa e extensão em Educação (UNEB). Mestranda em Educação e Contemporaneidade (PEC/UNEB). Professora de Leitura e Produção de Texto e Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa (Campus XIV – Conceição do Coité – UNEB)

Buscando refletir sobre essas questões, realizou-se uma pesquisa de campo, com vinte graduandos de Letras, professores de língua materna em formação, pertencentes a uma universidade pública do Estado da Bahia. Constituiu-se campo de pesquisa um curso de extensão semi-presencial, a partir do uso de interfaces como fórum, chat, diário e wiki (espaço para realização de escrita colaborativa), disponibilizadas no ambiente virtual de aprendizagem denominado Moodle.

Observou-se nesse estudo que, na contemporaneidade, computador e Internet estão fortemente presentes na vida dos graduandos, os quais, em sua maioria, afirmam utilizar hipertextos digitais para pesquisas nos mais variados campos do conhecimento, principalmente, visando à elaboração de trabalhos exigidos pela universidade.

A pesquisa realizada com os referidos sujeitos revelou indicadores sólidos que evidenciam o quanto os hipertextos digitais vêm se tornando a maior fonte de busca de informações e conhecimentos entre eles, seja para solucionar problemas referentes à falta de tempo, seja para dar-lhes embasamento teórico. Assim, na fala dos participantes os textos da Internet lhes são úteis pelos seguintes motivos:

- para suprir a falta de “tempo para exaustivas pesquisas bibliográficas”;
- pela variedade de opções oferecidas pelos links;
- servem como suporte para melhoria na construção dos argumentos;
- embasamento teórico para ajudar na concretização de alguns trabalhos;
- para esclarecimento de dúvidas em relação a determinados conteúdos;
- para facilitar as atividades acadêmicas;
- para suprir a falta de livros na biblioteca da universidade;

Deste modo, na busca por caminhos mais fáceis e mais velozes, e tendo como aliada a natureza “aparentemente” pública do conteúdo on-line, além da disponibilidade/acessibilidade dos hipertextos digitais, essa prática tem se dado, na universidade, de forma mais abrangente e acentuada, haja vista a velocidade na transmissão das informações – cruas ou refinadas – e a grande quantidade de textos/obras à disposição do leitor, na Internet: “Fica difícil não plagiar com tantas oportunidades” (GB), declara um graduando envolvido na pesquisa. Tal fato vem potencializando esse clássico problema no espaço acadêmico: o plágio, como apropriação de linguagem e de idéias do outro; a violação da propriedade intelectual. De acordo com Fonseca,

O plágio se caracteriza com a apropriação ou expropriação de direitos intelectuais. O termo "plágio" vem do Latim "plagiarius", um abductor de "plagiare", ou seja, "roubar [...] A expropriação do texto de um outro autor e a apresentação desse texto como sendo de cunho próprio, caracteriza um plágio e, segundo a Lei de Direitos Autorais: 9.610 de 19 de fevereiro de 1998, é considerada violação grave à propriedade intelectual e aos direitos autorais, além de agredir frontalmente a ética e ofender a moral acadêmica.<sup>2</sup>

É pertinente lembrar aqui que, de acordo com o momento histórico e as condições sociais de cada época, a concepção de plágio sofreu mudanças. Assim, dentro de um determinado contexto, passa a ser aceitável e inevitável:

Antes do iluminismo, o plágio tinha sua utilidade na disseminação das idéias. Um poeta inglês podia se apropriar de um soneto de Petrarca, traduzi-lo e dizer que era seu. De acordo com a estética clássica da arte enquanto imitação, esta era uma prática perfeitamente aceitável. O verdadeiro valor dessa atividade estava mais na disseminação da obra para regiões onde de outra forma ela provavelmente não teria aparecido, do que no fortalecimento da estética clássica. As obras de plagiadores ingleses como Chaucer, Shakespeare, Spenser, Sterne, Coleridge e De Quincey ainda são uma parte vital da tradição inglesa, e continuam a fazer parte do cânone literário até hoje (CRITICAL ART ENSEMBLE, 2001, p 83-84).

Na obra "Distúrbio eletrônico"<sup>3</sup>, os autores afirmam que o plágio, no sentido em que se almeja abordar aqui, talvez seja algo muito característico da cultura pós-livro, tendo em vista a atual economia da informação/conhecimento que se configura a partir do surgimento da Internet e o manuseio constante e rápido do hipertexto<sup>4</sup>, que veio apenas expor à vista, com a cultura digital, aquilo que a cultura do papel sempre deixou na obscuridade (CRITICAL ART ENSEMBLE, 2001).

Ademais, o caráter de descontinuidade conferido ao texto, no espaço digital, torna-o livre de convenções. E é nesse movimento descontínuo, nessa constante navegação por entremeios de palavras e frases, entrelaçadas por alinhavos e arremates, que o sujeito corre o risco de naufragar, dissimulando-se como produtor da linguagem, enquanto o plágio vai revelando sua atemporalidade, ao passo que assume proporções notáveis e instigantes nos tempos atuais, principalmente no contexto acadêmico:

[...] eu, sou sincero. Plagiei semestre passado [...] eu sei que não é o caminho correto, mas desde q não seja prejudicial na minha construção do conhecimento. Aconteceu em uma disciplina que não considerava

<sup>2</sup> Disponível na URL: < <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=newsletter&id=3>>. Acesso em 23 fev 2006.

<sup>3</sup> Obra de autoria do Critical Art Ensemble, grupo de cinco artistas, cujos trabalhos discutem a relação entre arte, tecnologia e política, além de promoverem, atualmente, debate sobre as estratégias obscuras utilizadas pela indústria da biotecnologia cujo poder de transformação social é tão imenso mas que, no entanto, carece de discussões abertas sobre o assunto.

<sup>4</sup> Rede de nós de imagens, sons ou textos, cuja configuração permite uma leitura não-linear e inter-relacionada (LÉVY, 1993)

importante para mim, já que o curso de letras é muito abrangente e então sei o q é de meu interesse, o que acredito que seja de importância para mim e devo tentar aperfeiçoar-me; o que não era a disciplina na qual plagiei da net (JL)<sup>5</sup>

Isso n quer dizer que só faremos copias [...] Cópias só será no momento de muita precisão [...] Será que no mundo desde os primórdios nada foi copiado? tudo tem seu formato original? (DO)

Estas são falas que fazem parte de uma discussão sobre o plágio na universidade, realizada através de entrevista com 19 dos 20 sujeitos graduando de Letras envolvidos numa pesquisa de campo. A análise dos argumentos desses sujeitos revelou que 36,84% assumem claramente já ter cometido plágio de textos; 21% plágiam, mas não assumem claramente; 41,1% dizem não ser a favor do plágio.

Em virtude dessa realidade, acredita-se ser relevante pensar-se em projetos/ações que estimulem o exercício da construção da autoria/autonomia na universidade. Torna-se vital uma reflexão sobre a prática do plágio entre os graduandos, professores em formação, visto ser este um problema que tem tomado proporções críticas, pois roubar de si mesmo a possibilidade de um outro pensar, da inventividade é um preço muito caro que o sujeito tem a pagar.

Entende-se aqui que as criações humanas têm se construído sobre a soma total de vozes anteriores, pois, como diz João Cabral de Melo Neto: “Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos. De um que apanhe esse grito que ele e o lance a outro; de um outro galo que apanhe o grito de um galo antes e o lance a outro”<sup>6</sup> É neste sentido que todo texto mantém uma relação com outros textos, dos quais nasce e para os quais aponta. Todo dizer singular é atravessado por muitas vozes. Barthes convida também a pensar na intertextualidade quando propõe que se ouça o texto como “uma troca que espelha múltiplas vozes” (1992, p. 73).

Assim, do ponto de vista da intertextualidade, que relaciona das mais diversas formas linguagem e escrita, todo texto é um palimpsesto (GENETTE, 1982)<sup>7</sup>. Considera-se, nessa perspectiva, que a interpretação de um texto não pode ser

<sup>5</sup> Esta declaração – como outras falas de graduandos envolvidos no estudo – foi postada num chat de discussão sobre plágio e está escrita ao pé da letra, considerando as características próprias da comunicação síncrona, no ambiente on-line, como a falta de acentuação das palavras, ou abreviações, por exemplo.

<sup>6</sup> **Tecendo a manhã**, de João Cabral de Melo Neto. Disponível na URL: <<http://www.secrel.com.br/jpoesia/joao.html>>. Acesso em 11 abr 2005.

<sup>7</sup> O autor no livro **Palimpsestes**, explica que o uso de escrever-se em pergaminhos fez com que o couro de animais utilizado para a escrita fosse, muitas vezes, reaproveitado, apagando-se a escrita antiga, para, sobre ela, colocar-se a nova escritura. Era o palimpsesto, no qual a nova escritura recobria a escritura anterior deixando entrever os traços da primeira. Daí vem a denominação palimpsesto para os textos escritos em cima de outros, retomando-os e revelando-os nessa retomada.

exclusivamente de quem o teceu, assim como quem escreve um texto não será nunca seu autor soberano: o discurso nunca é constituído de uma única voz; é polifônico, gerado por muitas vozes, muitos textos que se cruzam e se entrecruzam no espaço e no tempo; resultado que flui para dentro do leitor, passando a fazer parte da sua fala, de seus textos.

Essa é uma concepção que difere do plágio, aqui entendido como apropriação indevida de um texto ou parte dele, sem referência ao autor, portanto apresentado como sendo de autoria da pessoa que dele se apodera.

Deste modo, o diálogo que se tenta manter nesse texto, como um chamado à reflexão, não se apóia no império do autor, mas na preservação da sua intelectualidade; na autoria que “[...] se realiza toda vez que o produtor da linguagem se representa na origem, produzindo um texto com unidade, coerência, progressão, não contradição e fim” (ORLANDI, 2004, p. 69).

Neste sentido, esta discussão se volta para o espaço educacional e suas condições de fomento à criação, à produção, à autonomia do sujeito/leitor, para transformar-se num autor/co-autor, entendendo-se que “o sujeito só se faz autor se o que ele produz for interpretável” (ORLANDI, 2004, p. 70).

Destaca-se, nesse contexto, o espaço acadêmico, onde à revelia do professor – “no final do semestre cheguei a fazer um trabalho que 90% dele era cópia e tirei 9,5” confessa um graduando com risos –, a cópia de textos de outrem se tornou constante e um dos motivos expostos pelos graduandos é a falta de tempo pelo acúmulo de atividades exigidas pelos professores. Assim, em detrimento da construção do conhecimento que seria proporcionada pelo ato de pesquisa, com finalidade e objetivos, os graduandos, agora mais estimulados, pela facilidade de se transitar na tela em busca de informação, terminam por cometer, de acordo com Garschagen, três tipos de plágio:

- plágio integral - a transcrição sem citação da fonte de um texto completo;
- plágio parcial - cópia de algumas frases ou parágrafos de diversas fontes diferentes, para dificultar a identificação;
- plágio conceitual - apropriação de um ou vários conceitos, ou de uma teoria, que o aluno apresenta como se fosse seu.<sup>8</sup>

A prática de plagiar existe há muito tempo, bem antes da Internet; mas, com ela, esse ato se torna uma possibilidade aberta ao infinito. O fato é que a praticidade, a economia e a velocidade que os textos digitais oferecem – e que deveriam estimular

---

<sup>8</sup> GARSCHAGEN, Bruno. Universidade em tempos de plágio. Disponível em: <http://www.fev.edu.br/canais/docentes/publica/principal.php?pr=1399&nt=547>. Acesso em 24 fev 2006.

um pensar diferenciado, uma sede de saber, em busca de novos conhecimentos – têm contribuído pra potencializar essa ação dentro da universidade, quando ao aluno é proposto construir textos como resumo, resenha, artigos, entre outros. O transitar na constante busca de informações na Internet tem se convertido na compulsão do simples clicar desordenadamente; o graduando tem revelado um agir impulsivo, de movimentos impensados, sem a necessária sistematização que deve estar fundamentada em objetivos de busca no processo de aprendizagem, relacionando ética estética e técnica. Como explicam Blattmann e Fragoso:

Como linha mestra para criar e manter a sintonia entre os elos está o uso de ética, estética e técnica. Na ética, ao observar os critérios de direitos autorais, conhecer as normas de editoras e, principalmente, respeitar as políticas de privacidade. A estética une o belo e a harmonia. Enquanto a técnica introduz a prática, a teoria e aplicação de procedimentos e recursos disponíveis (2003, p. 62-63).

Acredita-se que as experiências vivenciadas com/no texto digital, devam ser conduzidas dentro da universidade de modo que os professores, ao contrário de ignorar a apropriação/expropriação de textos, que acontece com muita frequência entre os graduandos, possam implementar ações que venham a convergir para um novo paradigma no aprendizado e, assim, convidem o sujeito aprendente à participação num processo interativo, ético, com uma dimensão estética que já é própria da linguagem e da humanidade.

Nesse processo, ele precisa ser ativo, ultrapassar a fronteiras do transmitido, fugir das margens da timidez, enfim, gerar autonomia no processo de comunicação e de aprendizagem, o que o permitirá desenvolver seu senso de criatividade e a mergulhar no seu espaço virtual infinito que é a imaginação.

Pode parecer, no entanto, que não há aspectos novos a serem tratados, a respeito dessa temática. Mas é fato que essa discussão sempre se impõe e se descreve no cenário educacional, sob novos pontos de vista, uma vez que a história não gagueja, nem caduca, mas se renova. Ademais, “O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta” (FOUCAULT, 2005, p. 26). Então, a questão da formação do sujeito leitor/produtor de texto, com autonomia para lidar e apropriar-se do conhecimento, sempre preterida no espaço escolar, da educação básica à universidade, sempre se apresenta sob vestimentas multifacetadas, olhares diversificados, diferentes vertentes, gerando um sentimento de eterno recomeço.

## A construção do sujeito leitor/autor na escola

É que agora sinto necessidade de palavras – e é novo para mim o que escrevo, porque minha verdadeira palavra foi até agora intocada. (LISPECTOR, 1980, p 10)

Voltando o olhar para a maneira como a escola tem tratado a leitura e a escrita, e o modo pelo qual estas práticas estão postas na sociedade industrializada, informatizada, midiaticizada, percebe-se entre estas margens a distância enorme e bastante inquietante, e o quanto a escola com suas pseudo-atividades de leitura não reflexiva e desconectada com a vida, cassou a autoridade do leitor/produzidor de textos.

A leitura escolar é artificial, praticada por meios de texto fabricados para se fazer ler, enquanto a leitura social é autêntica, praticada em situações onde o leitor sabe por que ele precisa ler. A leitura escolar é arcaica, veículo das representações do mundo que estão ultrapassadas, enquanto a leitura social se prende à atualidade, à realidade motriz do mundo contemporâneo. A leitura escolar é uma leitura congelada, ritualizada, repetitiva, que impõe a todo mundo as mesmas maneiras de se ler [...] ao passo que a leitura praticada na sociedade é uma leitura individual, visual, rápida, onde cada qual pode ler como quiser e o que quiser em função de seus interesses próprios e do tempo de que dispõe (CHARTIER, 1994, p. 155).

Então, compreende-se que a escola apenas forjou leitores e produtores de textos, sob as bases de uma leiturização<sup>9</sup> de efeitos paradoxais, pois ao invés de contribuir para a formação de sujeitos da pesquisa, que tomam a palavra de uma posição autorizada, passam a seres apáticos, reprodutores de saberes produzidos por outrem, isto é, fracassados intelectualmente, plagiadores. No pensamento de alguns sujeitos envolvidos na pesquisa, a escola tem sido conivente com essa situação:

Fomos acostumados desde as séries iniciais há fazermos os nossos trabalhos copiando, na íntegra, textos de livros e enciclopédias e isso sempre foi aceitável pelos nossos professores. Entramos na universidade ainda com essa consciência reduzida, motivada pela cultura da cópia, que nos foi pregada durante toda a vida escolar, e nesse ambiente entramos em contato com outro meio da pesquisa ainda mais dinâmico e rápido que os livros, a internet. E é no contato com esse novo artifício que nos deslumbramos com as múltiplas possibilidades e a facilidade que ela nos proporciona e é nesse momento que muitos estudantes acadêmicos fazem o uso errôneo dessa tecnologia (MM).

---

<sup>9</sup> Ver mais sobre a concepção de “Leiturização” em: SENNA, L A G. Letramento ou leiturização? O sócio-interacionismo na Lingüística e na Psicopedagogia. Disponível em: <[http://www.senna.pro.br/biblioteca/leiturizacao\\_new.pdf](http://www.senna.pro.br/biblioteca/leiturizacao_new.pdf)>. Acesso em 09 fev 2006.

Em contrapartida, o contexto em que vivemos exige a formação de um aluno que, distando do lugar comum, seja sujeito-autor atuante, crítico, autônomo e interventor, capaz de, a partir da sua autoria, interpretar e analisar a realidade, retirando-se da condição de sujeito-acomodado e reproduzidor de modelos textuais, para um sujeito capaz e consciente do seu dizer/escrever. Para isso, segundo Orlandi, a escola deve engendrar práticas que possam desenvolver no sujeito aprendente os mecanismos que entram em jogo no momento em que ele escreve, quais sejam:

- a) Mecanismos do domínio do processo discursivo, no qual ele se constitui como autor.
- b) Mecanismos do domínio dos processos textuais nos quais ele marca sua prática de autor (2001, p. 80).

Se por muito tempo a escola privilegiava a transmissão dos conhecimentos adquiridos por gerações passadas e treinava o aluno para submeter-se à autoridade do professor, no contexto atual, em que professor não é mais detentor do saber e da informação nem alunos podem ser meros receptores de conteúdos – já que as informações, principalmente na Internet estão ao alcance de todos, numa relação que se dá sob a forma de comunicação direta e transversal “Todos-Todos” (Lévy, 1996, p. 112) – urge a quebra de paradigmas e a mudança da postura pedagógica autoritária para uma abertura a outros possíveis, que conduzam o sujeito-aprendente na busca da construção de novos saberes e conhecimentos.

Não obstante, percebe-se que as propostas de produção sempre foram (e ainda são!) transformadas, pela lógica escolar, em textos para serem corrigidos para uma nota e não para socialização do conhecimento, divulgação científica. Portanto, no espaço e no tempo, a escola se distanciou do objetivo de formar autores, no sentido já explicitado acima; isto é, sujeitos autônomos, que se responsabilizem pelo seu dizer/escrever; que possuam autoria; um “eu” que se assume como produtor de linguagem e, nesse sentido, confere voz à sua identidade.

Mas a construção do autor não se dá sem a formação do leitor, visto que depende das histórias de leitura do sujeito sua competência discursiva, a fim de que se constitua, de fato, co-autor de textos lidos e produzidos. E, na escola, a leitura sempre figurou como tarefa obrigatória, mecânica, que estimulava o aluno à cópia de textos dos livros (reprodução não autorizada, apropriação indevida, plágio), já que as práticas de ler/escrever não propiciavam o aluno a refletir sobre o que lia/escrevia, nem a



aprender a decidir por si mesmo, visto que seguiam sempre um modelo de leitura/escrita pré-estabelecido.

Na escola [...] o trabalho com a leitura remete-se ao uso do texto como pretexto para o estudo da gramática e à concepção redutora de texto que o vê como uma somatória de frases. A esse ponto de vista, acresce-se uma visão da leitura como decodificação de conteúdos que deverão ser avaliados pelo professor. (MATENCIO, 2002, p. 38-39)

A escola tem construído uma ecologia da escrita como prática estritamente escolar, cristalizada, sempre reforçada pelos exercícios escolares e provas que enfatizam a memorização, seqüência e hierarquização de conteúdos, modelos, receitas. E é fato que a prática pedagógica sempre repetitiva e reprodutora, adotada pela escola, ocasionou a baixa-estima do sujeito/leitor/produtor de textos, e a prática da escrita reduziu-se ao ato pedagógico de reproduzir, copiar, negando ao aluno a possibilidade de assumir-se como sujeito-autor: dá-se a repetição do dito lateral dos livros e do mestre! Daí, vale a pena lembrar Orlandi, quando diz que “a escola não forma escritores; o escritor se faz na vida, sem receita [...] a escola não ultrapassa a formação da média; o essencial não é aprendido na escola; escola e criação não vivem juntas, etc” (2001, p. 75).

Na verdade, quando se fala em produção de texto na escola, reporta-se aqui à formação do autor e não à formação do escritor, pois esse não é um compromisso da escola. Embora o autor seja formado não apenas na escola, mas fora dos seus limites também; o que quer significar que a escola é um espaço muito proveitoso, no que se refere à contribuição que pode dar na formação do sujeito-autor, mas não é lá o único contexto em que a constituição da autoria se dá. Desta forma, com relação à formação do automa escola, Orlandi declara ainda que:

[...] a escola é necessária, embora não suficiente, uma vez que a relação com o fora da escola também constitui a experiência da autoria. De toda forma, a escola, enquanto lugar de reflexão, é um lugar fundamental para a elaboração dessa experiência, a da autoria, na relação com a linguagem (2001, p. 82).

Ocorre que, mesmo fora da escola, os sujeitos-leitores terminam por internalizar os rituais coercitivos da leitura e da escrita nela vivenciados, vinculados que são pelas experiências construídas nas suas andanças discursivas pelos caminhos da escola.

Então, da educação básica à universidade, quando desafiados a produzir textos, trilham em busca de “vozes” que indiquem caminhos e/ou confirmem suas opções, mas terminam por apropriar-se de uma forma de dizer/escrever na qual não se dão ao direito

e ao prazer de escolher, selecionar, organizar e decidir sobre o conteúdo temático a ser tecido. Não imprimem no texto um estilo pessoal; esvazia-o da sua existência concreta.

Ademais, é relevante salientar que, para além das questões éticas do plágio, a aprendizagem resultante de um processo que não reivindica “a prática da linguagem como fio condutor do processo de ensino-aprendizagem” (GERALDI, 1997, p. 192) ou é pobre ou é inexistente; e o sujeito vai se encolhendo por entre as margens do cruel, grotesco e risível sistema excludente que está sempre a arremessá-lo para os bastidores do currículo e, conseqüentemente, da sociedade.

### **A constituição da autoria: um exercício de autonomia e consciência do outro**

O menino aprendeu a usar as palavras.  
Viu que podia fazer peraltagens com as  
palavras.  
E começou a fazer peraltagens (Manoel  
de Barros, 2001, p. 13).

Os versos poéticos de Barros sugerem que, para se constituir autores, as peraltagens com as palavras são essenciais desde o primeiro momento em que o menino ou a menina começam a se sentar nos bancos da escola. Mas, se nas séries da educação básica, o exercício da produção de texto não é potencializado, na universidade esse espaço de construção da escrita, como possibilidade da constituição da autoria, é ainda extremamente limitado. No entanto, criar um espaço nos entre-lugares da academia – onde geralmente se dão os embates e as ambivalências – que engendre a constituição da autoria é urgente, pois aí está o tripé que sustentará a escrita no espaço acadêmico, no qual poderão e deverão se estabelecer as relações necessárias à construção de textos pelo aprendente, este como sujeito do desejo que, ao se enxergar como autor, institui, no mesmo ato, o leitor.

Voltando à instigante pergunta de Foucault, “o que é um autor?” Responde ele mesmo que a noção de autor “constitui o momento forte da individualização na história das idéias, dos conhecimentos, das literaturas, na história da filosofia também e na das ciências” (1992, p. 33). Dialogando com Bakhtin (2003), entende-se então que o autor é o sujeito capaz de criar discursos com sentido, a partir da tessitura de palavras e teorias construídas no seu meio social e cultural.

Compreende-se que é pelo ato criador da escrita que o sujeito se insere nesse meio sociocultural; pelo ato da escrita, ele se autoriza a examinar, avaliar, expressar ou silenciar; nesse silêncio (o não-dito), ele abre espaço para a presença do outro, seu interlocutor, pois “o autor não realiza jamais o fechamento completo do texto, visto que aparecem [...] ao longo do texto pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação, ao equívoco, ao trabalho da história da língua”. (ORLANDI, 2004, p. 77)

Ao mesmo tempo em que o sujeito escreve, tece o seu texto (tarefa árdua, mas necessária!), descobre seu método próprio de dizer e significar o mundo; nele, mostra-se, expõe-se à luz do seu próprio discurso; forja seu “eu”, revela-se nas palavras: palavra e sujeito se misturam. Dessa tarefa árdua e necessária, que é escrever, assim diz Lispector:

“Olha, eu trabalhava e tive que descobrir meu método sozinha. Não tinha conhecido ninguém ainda. Me ocorriam idéias e eu sempre me dizia: ‘Tá bem. Amanhã de manhã eu escrevo’. Sem perceber que, em mim, fundo e forma é uma coisa só. Já vem a frase feita. Enquanto eu deixava ‘para amanhã’, continuava o desespero toda manhã diante do papel branco. E a idéia? Não tinha mais. Então eu resolvi tomar nota de tudo que me ocorria.”<sup>10</sup>

Então, considera-se que o sujeito, ao escrever, inscreve-se também nas entrelinhas do seu texto, traça o seu perfil na textura do seu dizer, a sua identidade; nele fundo e forma se confundem e se fundem. Desta maneira, seguindo as pegadas do ato de escrever do sujeito, poder-se-á percebê-lo no dito e no não-dito da sua escritura, onde deixa suas nuances, suas marcas, constituindo-se como autor. No seu dizer, está a sua imagem-corpo, ali, no texto interposto: “[...] o sujeito está, de alguma forma, inscrito no texto que produz” (ORLANDI, 2001, p. 76).

A autoria aqui é referida nas suas dimensões criativa, histórico-social e ético-política; como exercício de autonomia, possibilidade de auto-produção; pertencimento e responsabilidade por aquilo que se cria: há um “eu” que se revela como produtor de linguagem (ORLANDI, 2001). Decerto, a universidade ainda precisa construir este espaço e o professor precisará se aperceber dessa necessidade com certa urgência: “Bom, confesso que venho produzindo pouco ultimamente, pois nosso trabalho com produção de textos é menor” (JL)

Nessa perspectiva, cada vez que a universidade ignora a necessidade da viabilização de projetos que engendrem práticas de leitura/escrita com vistas à

<sup>10</sup> Este excerto foi retirado do texto **Ler, pensar e escrever**, de Gabriel Perissé. Disponível em: <[http://www.perisse.com.br/Ler\\_Pensar\\_Escrever\\_o\\_livro.htm](http://www.perisse.com.br/Ler_Pensar_Escrever_o_livro.htm)>. Acesso em 26 fev 2006.

construção da autonomia do aluno para responder pelo que diz e pelo que escreve, leva-o à não consciência do outro, à negação da autoria, da identidade do outro; e, conseqüentemente, seu silenciamento como autor, forjando o plagiador que:

[...] cala a voz do outro que ele retoma [...] toma o lugar do outro indevidamente, intervém no movimento que faz a história, a trajetória dos sentidos (nega o percurso já feito) e nos processos de identificação (nega a identidade ao outro, e, em conseqüência, trapaceia com a própria). (ORLANDI, 2004, p. 72).

De outra forma, entende-se que, ao mesmo tempo em que se inscreve, o autor também se apaga, considerando-se que todo texto é reescrito no tempo da leitura, e todos os discursos que são providos da função autor comportam a pluralidade de “eus” (FOUCAULT, 1992).

A marca do autor-criador se revela no que o sujeito produz e na forma como ele organiza sua fala e escrita num dado contexto. Seu texto vai sempre se constituir da tensão com outras vozes sociais. De acordo com Orlandi,

Para que o sujeito se coloque como autor, ele tem de estabelecer uma relação com a exterioridade, ao mesmo tempo em que se remete à sua própria interioridade: ele constrói assim sua identidade como autor. Isto é, ele aprende a assumir o papel de autor e aquilo que ele implica. (2001, p. 78-79),

Em tempos de novos desdobramentos tecnológicos e sociais da escrita, a constituição da autoria é, certamente, redesenhada, ressignificada, implicando outras possibilidades sociais e cognitivas, revelando a emergência de que, pelo menos no espaço acadêmico – este como potencializador de criatividade – se engendrem novas possibilidades de exercício de autoria, porque, de acordo com Barthes (1999), é preciso que se faça do leitor não apenas um consumidor de textos, mas alguém que também produz.

Para tanto, necessário se faz uma reconfiguração na forma como o graduando se torna sujeito da escrita ou como a ela se assujeita; que ele possa assumir uma nova posição frente à escrita: a de sujeito do conhecimento, que ao participar intensamente, expondo suas idéias, possa também valorizar a produção intelectual do outro. Pois,

No capital intelectual, o mérito de ser autêntico é diferenciado do de ser plagiador. Deve ser criada e estimulada uma cultura de respeito penetrada nas amplas esferas (pessoais, educacionais e profissionais) em identificar tanto a obra como o artista. Regra geral: leu, gostou, use e cite! (BLATTMANN e FRAGOSO, 2003, p. 61).

Ao se falar de autoria não se pode esquecer que no contexto da sociedade informática e na “era do conhecimento”, têm ocorrido mudanças de paradigmas, com relação a novos valores, novas organizações na educação e na sociedade, nas instâncias pessoal, social, política e educacional. Desse conjunto de transformações, emerge um novo espaço de leitura/escrita, que exige outras competências, relações, interações e papéis, propondo, assim, refletir sobre as concepções de autoria e autonomia: o hipertexto. Nesse espaço, necessariamente, o sujeito leitor é chamado a estabelecer objetivos, tomar decisões, tecer por entre metáforas de rede, de rizomas, desenvolvendo estratégias de controle e regulamento do próprio conhecimento.

Assim sendo, o papel do sujeito-autor nesse contexto extrapola os muros da escola; deve estar relacionado ao papel que ele representa na sociedade em que está inserido. A autoria está relacionada com o “aprender a se colocar”: “Aprender a se colocar – aqui: representar – como autor é assumir, diante da instituição escolar e fora dela (nas outras instâncias institucionais) esse papel social, na sua relação com a linguagem; constituir-se e mostrar-se autor” (ORLANDI, 2001, p. 79).

Urge então reconfigurar, dentro da academia, as concepções de pesquisa, leitura, produção e autoria; e, viabilizando mudanças mais profundas em atendimento a essas demandas tão urgentes, estimular criações na comunidade acadêmica que possam contribuir com os graduandos no desdobramento de vínculos motivadores do desenvolvimento intelectual, social e educacional. De acordo com PALACIOS,

O problema, evidentemente, não é novo, pois não se circunscreve ao âmbito telemático. Com efeito, ensinar a um jovem pesquisador como validar suas fontes, como avaliá-las, como buscar e identificar a informação confiável, é talvez uma das primeiras e mais importantes tarefas daqueles que se dedicam a formar recursos humanos nesta área. Se tais questões sempre estiveram colocadas e geravam preocupações com respeito à pesquisa conduzida em moldes ‘tradicionais’, com mais força elas se colocam no âmbito da pesquisa *online*, com a manutenção de antigos problemas e o surgimento de novos. Não se pode, é claro, ensinar bom-senso e experiência, mas alguns balizadores podem ser estabelecidos, facilitando a tarefa de validação da informação disponibilizada.<sup>11</sup>

Desta forma, dada a possibilidade de acesso ao texto na Internet e à sua modificação no ambiente digital, voltar o olhar para o problema do plágio na universidade torna-se ponto chave, visto ser lá o lugar onde a produtividade e o conhecimento devem ser calcados na autoria/autonomia.

---

<sup>11</sup> Texto disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/palacios/impactos.html>>. Acesso em 06 mar 2006.

### **In(conclusões): muitos fios por tecer**

Tudo acaba mas o que te escrevo continua.  
O que é bom, muito bom. O melhor ainda  
não foi escrito. O melhor está nas  
entrelinhas (LISPECTOR, 1980, p. 96).

Compreende-se, a partir do exposto, que a discussão sobre a constituição do autor no espaço acadêmico continua sempre aberta, já que um fio puxa o outro; fios conflituosos, porquanto é também conflituoso e complexo o problema da autoria na universidade: construir práticas em que a voz e a função do autor se concretizem é, nos tempos atuais, com tantos textos disponibilizados pela Internet, um desafio que se impõe e se propõe aos professores.

Por conta disso, há mesmo uma urgência no sentido de se implementar ações/modificações com relação à prática de produção de texto na universidade, a fim de que essas produções, cumprindo sua função social, possam ser socializadas, sob a forma de comunicações em congressos, seminários; possam reverter-se em artigos para publicações em periódicos especializados ou em livros. Para os graduandos, está clara a necessidade que têm de ser reconhecidos pela competência discursiva, pela capacidade de produção do conhecimento:

Uma coisa realmente deve ficar claro, os estudantes da Universidade fazem o plágio conscientemente. Sabem que não devem mas são seduzidos pela facilidade em conseguir um bom trabalho com o menor esforço. Porém, nada se compara ao prazer de se produzir um trabalho e ser reconhecido por aquilo que você foi capaz de fazer. Isso não tem preço!!!! (CS)

Neste sentido, a Internet, ao invés de ser vislumbrada apenas como meio facilitador do plágio, poderá se constituir em lócus para que a inventividade, a iniciativa, a reflexão a construção da identidade do graduando, como autor, possam ser exploradas, incentivando-o a construir situações, em que se instaure a produção do conhecimento e, conseqüentemente, o processo de autoria, no qual o sujeito vai contribuir com suas palavras; sua voz ressoará no texto – “dizer” é “ser” – e, pela atividade da linguagem, assumirá, assim, uma posição no contexto sócio-histórico.

E, nesse contexto, ao participar das situações concretas de comunicação, possam tomar consciência da palavra do outro pelo reconhecimento do que é produzir textos. Nas palavras de Vygotsky, “somos conscientes de nós mesmos porque somos conscientes dos outros e somos conscientes dos outros porque em nossa relação conosco

mesmo somos iguais aos outros em sua relação conosco” (apud FREITAS 1997, p. 316).

Sem a pretensão de fechar a discussão, vale dizer que, em meio a essa movência de textos, intertextos, hipertextos, é preciso que a universidade passe a contribuir para que do seu âmago possam emergir sujeitos autônomos, seres da linguagem, cientes do lugar múltiplo, instável e provisório que ocupam na contemporaneidade. Que saibam mover-se nesse mundo (autor, leitor, texto/hipertexto) – o qual se revela e é desvelado através da palavra escrita – veiculando seus saberes/conhecimentos, produzindo sentidos, reiventando-se... pois há um caminho/labirinto a cada manhã.

## Referências

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARROS, Manoel de Barros. O menino que carregava água na peneira. In: LEITE, Maristela Petrili de Almeida, SOTO, Pascoal (coords.). **Palavras de encantamento**: antologia de poetas brasileiros. São Paulo: Moderna, 2001.
- BARTHES, ROLAND. **S/Z**. Lisboa: Edições 70, 1999.
- BLATTMANN, Ursula e FRAGOSO, Graça Maria (orgs.). **O zapear a informação em bibliotecas e na internet**. Belo Horizonte: autêntica, 2003.
- CHARTIER, Anne-Marie. A escrita na escola e na sociedade: os efeitos paradoxais de uma distância constatada. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE A LEITURA E ESCRITA NA SOCIEDADE E NA ESCOLA, 1994, BRASÍLIA. **Anais...** Belo Horizonte: Fundação AMAE para Educação e Cultura, 1994. p. 149-162.
- CRITICAL ART ENSEMBLE. **Distúrbio eletrônico**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001.
- FONSECA, Randal. **Expropriação de propriedade intelectual**. Disponível na URL: <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=newsletter&id=3>>. Acesso em 23 fev 2006.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2005.
- \_\_\_\_\_. **O que é um autor?**. Lisboa: Vega, 1992.
- FREITAS, M.T.A. Nos textos de Bakhtin e Vygotsky: Um encontro possível. In: BRAIT, B.(org). **Bakhtin, Dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 311-327.

GARSCHAGEN, Bruno. **Universidade em tempos de plágio**. Disponível em: <<http://www.fev.edu.br/canais/docentes/publica/principal.php?pr=1399&nt=54>>. Acesso em 24 fev 2006.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestes**. Paris: Seuil, 1982.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Leitura, produção de textos e a escola: reflexões sobre o processo de letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

MELO NETO, João Cabral de. **Tecendo a manhã**. Disponível na URL: <<http://www.secret.com.br/jpoesia/joao.html>>. Acesso em 11 abr 2005.

ORLANDI, Eni P. **Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Campinas: Pontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Discurso e leitura**. Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2001.

PALÁCIO, Marcos. **Impactos e Efeitos da Internet sobre a Comunidade Acadêmica: quatro dificuldades e um possível consenso**. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/palacios/impactos.html>>. Acesso em 06 mar 2006.

PERISSÉ, Gabriel. **Ler, pensar e escrever**. Disponível em: <[http://www.perisse.com.br/Ler\\_Pensar\\_Escrever\\_o\\_livro.htm](http://www.perisse.com.br/Ler_Pensar_Escrever_o_livro.htm)>. Acesso em 26 fev 2006.